

CENÁRIO DA POUPANÇA E DOS INVESTIMENTOS DOS BRASILEIROS

OUTUBRO 2018



APENAS 27% INVESTEM HÁ MAIS DE CINCO ANOS



Investir envolve planejamento e conhecimento para discernir e fazer boas escolhas. Quem investe aumenta consideravelmente as chances de concretizar planos, pode enfrentar menos dificuldades durante períodos de turbulência econômica e se torna mais capaz de moldar um futuro melhor para si e para a família. Muitos brasileiros já vivenciam esse universo, mas se trata uma experiência relativamente recente para a maioria: entre aqueles que têm dinheiro em alguma modalidade de investimento, 14,6% investem **há menos de 6 meses** e 31,3% o fazem há menos de **1 ano**. Ao mesmo tempo, apenas 26,6% **investem há mais de 5 anos**, segundo o levantamento “**Cenário da Poupança e dos Investimentos dos Brasileiros**”, feito pela Confederação Nacional de Dirigentes lojistas (CNDL) e pelo SPC Brasil.

E mesmo entre aqueles que investem, predomina uma postura conservadora, o que faz com que muitas pessoas acabem optando por modalidades tradicionais como a caderneta de poupança, por exemplo – embora, historicamente, os rendimentos mal compensem a inflação, podendo resultar até em perdas a depender do momento.

É claro que a estagnação da renda do trabalhador

e o desemprego elevado no país são fatores que desestimulam o hábito de poupar ou investir, já que muitos brasileiros estão ocupados com a mera sobrevivência, ou seja: pagar as contas do mês e adquirir o básico para o dia a dia.

Por outro lado, até que ponto a conjuntura econômica é a responsável por esse comportamento? Não haveria, também, um componente de consumo imediatista que dificulta a adoção de uma visão de longo prazo? E mais: por que, mesmo numa época em que se multiplicam os programas de TV, os analistas, os blogs e sites dedicados a falar sobre investimento e educação financeira, ainda há consumidores que preferem guardar dinheiro em casa?

A fim de compreender melhor esse quadro, o estudo busca estabelecer o perfil do poupador / investidor brasileiro, considerando aspectos como: os instrumentos de reserva financeira mais utilizados e os mais rejeitados; motivos para guardar e para não guardar dinheiro; valor da reserva, frequência de investimento, tempo e modalidades de investimento; fatores para a tomada de decisão e o grau de conhecimento dos investidores sobre o tema, bem como seus hábitos e práticas financeiras mais comuns.



***PERFIL DO
POUPADOR***

81% DOS BRASILEIROS COM RESERVA FINANCEIRA INVESTEM SEU DINHEIRO



Preparação para o futuro ou gratificação imediata? Para que lado pendem os brasileiros? Ao que parece, grande parte dos consumidores não está disposta à disciplina e ao esforço que são necessários para economizar regularmente. De acordo com dados do **Indicador de Reserva Financeira**¹ da CNDL e do SPC Brasil de agosto de 2018, que mede mensalmente a formação de reserva financeira pelos brasileiros, somente **um terço** dos entrevistados **costuma constituir uma reserva de dinheiro** (32,5%, aumentando para 35,0% entre os homens e 51,1% na Classe A/B), sendo que 21,4% **poupam o que sobra do orçamento** (aumentando para 34,1% entre as classes A/B) e 11,1% **estipulam um valor a ser poupado previamente** (aumentando para 17,0% na Classe A/B). Em contrapartida, 55,9% **não poupam** (aumentando para 64,4% na Classe C/D/E), sendo que 52,5% **não têm nenhuma reserva de dinheiro** (aumentando para 58,7% na Classe C/D/E), e 7,4% **não poupam atualmente, mas têm alguma reserva**.

Para a economista chefe do SPC Brasil, Marcela Kawauti, isso se explica, em parte, pelo efeito do chamado ‘Viés do Presente’ e ‘Desconto Hiperbólico’: “muitas pessoas dão mais peso a eventos presentes e preferem satisfazer seus desejos de consumo mais imediatos – comprar um sapato ou uma roupa nova, saídas frequentes de lazer com os amigos, fazer uma viagem etc. – ao invés de maximizar o valor dos ganhos no futuro e reservar uma parte de seu dinheiro para a realização de projetos maiores. Elas vivem numa espécie de ‘eterno presente’, acreditando que o futuro é sempre algo distante e que é preciso ser feliz agora, sem dar importância às possíveis dificuldades do amanhã. Esse é um erro grave, pois em algum momento a conta chegará. Além disso, é extremamente arriscado não dispor de recursos para ocasiões emergenciais, como a perda do emprego ou um problema grave de saúde, por exemplo”.

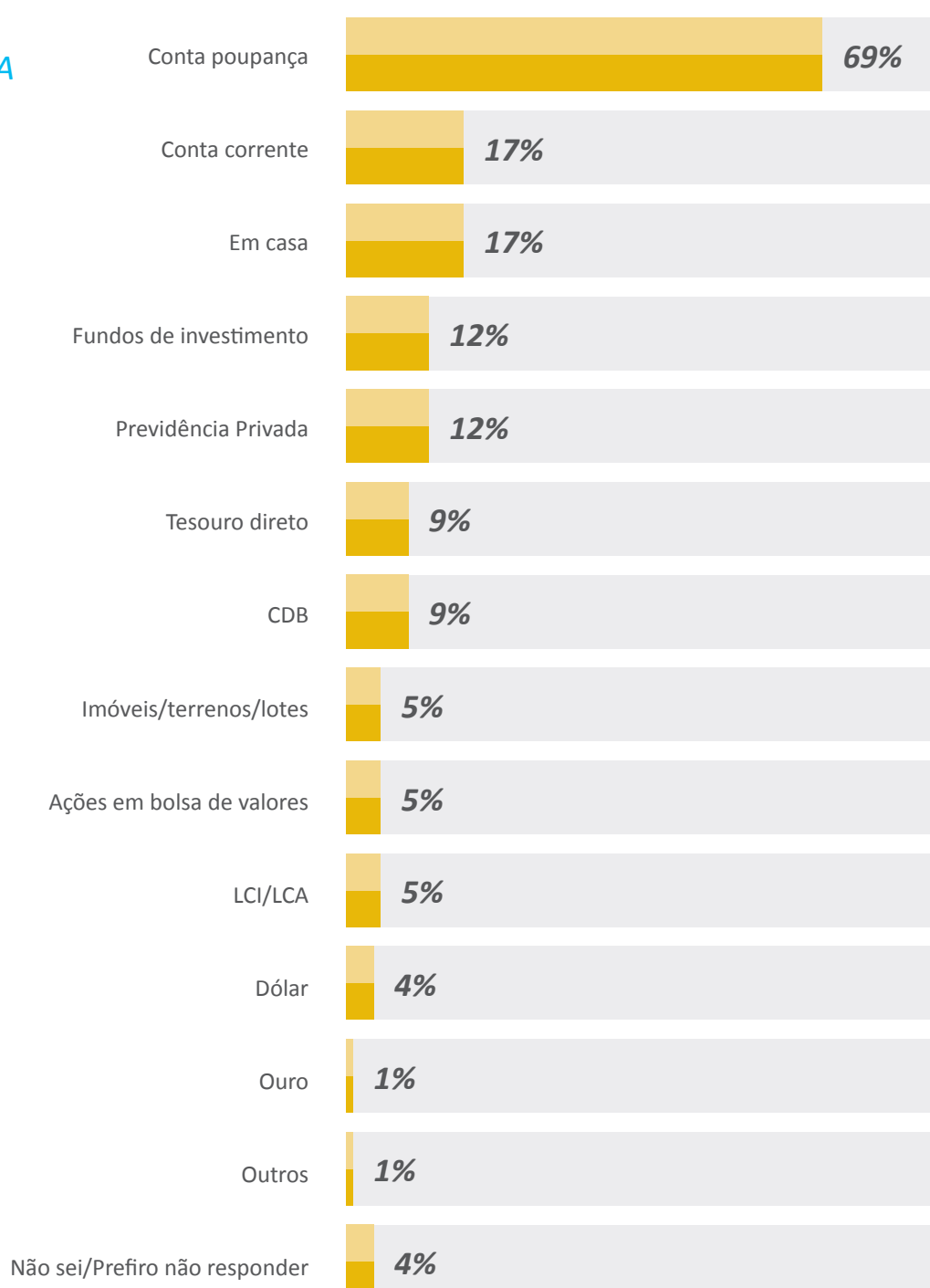
1 <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/indice/5136>

Dentre aqueles que **possuem reserva financeira**, independentemente de investir ou não, 68,6% **consideram-na importante para o caso de imprevistos com doenças, desemprego, etc.** (aumentando para 82,1% entre os mais velhos), enquanto 67,4% almejam **garantir um futuro melhor para a família** (aumentando para 75,3% na Classe A/B) e 43,5% **preocupam-se com a aposentadoria** (aumentando para 67,0% entre os mais velhos e 59,3% na Classe A/B).

Uma vez constituída a reserva financeira, o passo

seguinte é saber onde alocar os recursos. Praticamente sete em cada dez brasileiros que dispõem de recursos optam pela tradicional caderneta de **poupança** (69,3%, diminuindo para 60,7% entre os mais jovens), ao passo que 17,4% **deixam na conta corrente** (aumentando para 21,8% entre os homens e 22,6% na Classe A/B), 17,4% **guardam em casa** (aumentando para 27,7% entre os mais jovens e 22,2% na Classe C/D/E) e 12,3% preferem os **fundos de investimento** (aumentando para 25,6% na Classe A/B).

FORMAS QUE GUARDA A RESERVA FINANCEIRA



64,4% dos poupadores ouvidos guardam sua reserva financeira **somente em modalidades de investimentos**, isto é, rejeitam manter o dinheiro em casa ou na conta corrente. As modalidades consideradas nesse caso foram a caderneta de poupança, fundos de investimento, CDB, LCI/LCA, ações, tesouro direto, previdência privada, dólar, ouro, imóveis, etc. A sondagem ainda mostra que 17,3% deixam em casa ou na conta corrente mas também guardam em alguma modalidade de investimento (aumentando para 20,7% entre os homens) e 14,0% guardam somente em casa ou na conta corrente (aumentando para 24,9% entre os

mais jovens e 18,7% na Classe C/D/E). No total, 81,5% dos brasileiros com reserva financeira investem em alguma modalidade de investimento.

E quais seriam as razões para **guardar dinheiro em casa**? 60,8% dos consumidores que agem dessa forma alegam que assim **podem utilizar os recursos no momento em que precisarem**, enquanto 28,9% acreditam **que por ser pouco o valor, não valeria a pena colocá-lo no banco** e 18,7% pensam que **guardá-lo em casa é mais seguro**.



Com tanta informação atualmente disponível a respeito de diversas modalidades de investimento, por que a opção por meios pouco ou nada rentáveis como a caderneta de poupança, conta corrente ou mesmo guardar o dinheiro em casa ainda tem participação tão expressiva entre os brasileiros que poupam? De acordo com o educador financeiro do Meu Bolso Feliz, José Vignoli, essa preferência passa pela facilidade e pela liquidez oferecidas: “No caso da caderneta de poupança, ela é muito procurada por ser um meio tradicionalmente simples, sem complicações para quem deseja guardar dinheiro. Então, as pessoas têm a sensação de que não é preciso entender muito de

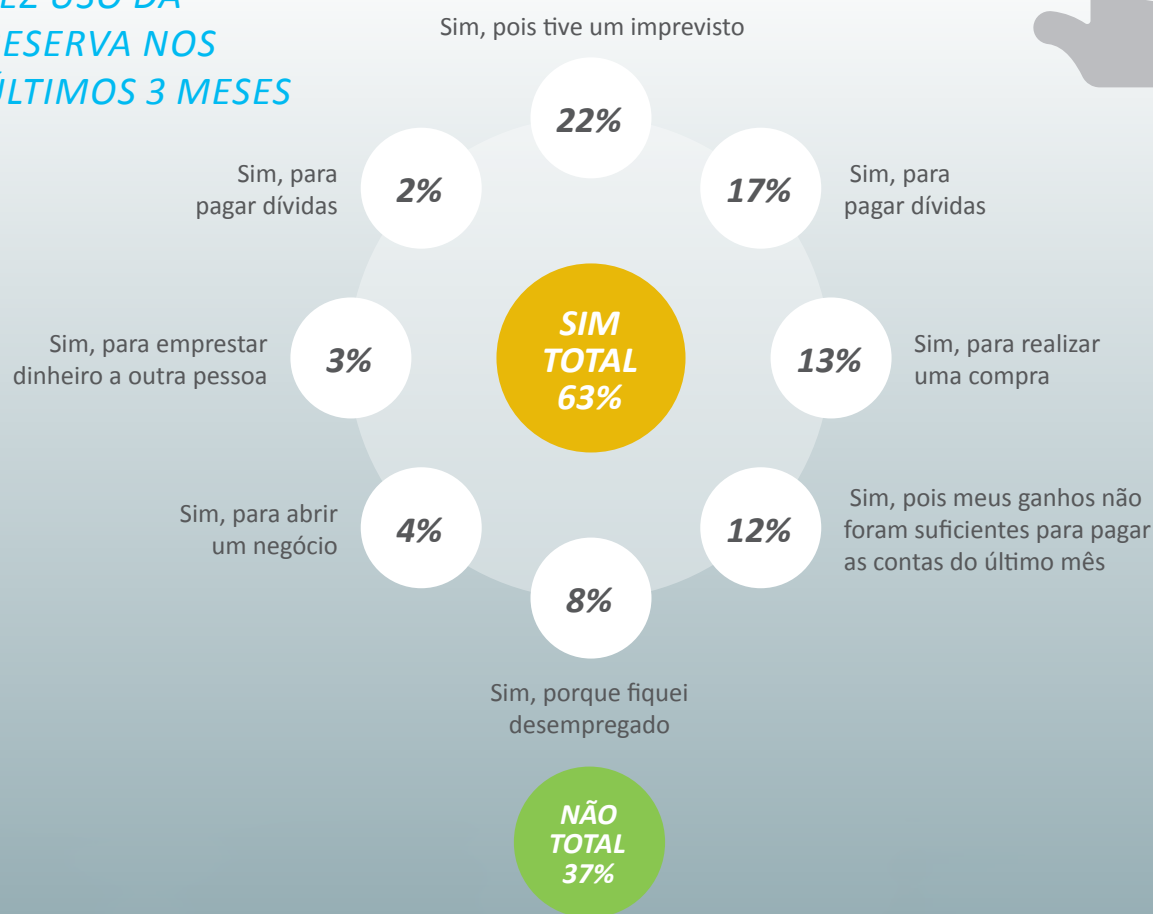
investimento para lidar com a poupança. Ao lado disso, o fato de poder sacar qualquer quantia a qualquer momento transmite a sensação de segurança ao poupador, ainda mais em momentos de crise como esse que o Brasil vem enfrentando. O problema é que o valor reservado, mesmo aumentando nominalmente, nem sempre supera a taxa de inflação. Então esse conservadorismo, na verdade, acaba sendo prejudicial para o bolso. O certo é sempre estar por dentro dos indicadores e das taxas de juros, bem como do cenário econômico como um todo, para escolher com sabedoria o melhor tipo de investimento”.

Quatro em cada dez respondentes **preferiram não dizer o valor da reserva financeira que possuem hoje** (38,3%), ao passo em que outros 24,1% **não souberam informar a quantia**. 37,6% **informaram o valor**, sendo que, 17,2% guardam até R\$ 500,00, com destaque nas classes C, D e E (20,7%) e 8,1% até R\$ 5.000.


Finalmente, seis em cada dez brasileiros com reservas

financeira **tiveram de dispor de seus recursos nos últimos três meses** (63,2%, aumentando para 69,2% na Classe C/D/E), sendo que 21,7% **precisaram usar por causa de um imprevisto** (aumentando para 25,0% na Classe C/D/E), 16,6% **para pagar dívidas**, 12,7% **para realizar uma compra** e 12,1% **para conseguir fechar as contas do mês**.

FEZ USO DA RESERVA NOS ÚLTIMOS 3 MESES



38% INFORMARAM O VALOR DA RESERVA FINANCEIRA QUE POSSUEM HOJE, SENDO QUE, 17% GUARDAM ATÉ R\$ 500,00

A hand holding a black pen is pointing at a spreadsheet on a desk. The background is blurred, showing a computer mouse and other office items. A blue rectangular box with a white border is centered over the image, containing the title text.

***PERFIL DO
INVESTIDOR: FATORES
PARA TOMADA DE
DECISÃO E MEIOS DE
INVESTIMENTO***

70% NÃO TÊM COMO HÁBITO BUSCAR ORIENTAÇÕES PARA INVESTIR. FACILIDADE DE RESGATE E DE COMPREENSÃO TÊM PESO NA DECISÃO

Certificados de Depósitos Bancários (CDBs), Letras de Crédito Agrícola (LCAs), Letras de Crédito Imobiliário (LCIs), Debêntures, Tesouro Direto, Ações, Títulos de capitalização, Derivativos, renda fixa ou variável... Existem opções de investimento para todos os perfis de renda e níveis de tolerância ao risco, mas não há como negar que se trata de um universo complexo e especializado, em que a qualidade da informação conta muito: para saber que modalidade é mais adequada aos objetivos do investidor, é preciso estar disposto a aprender um pouco sobre o assunto e saber onde buscar orientação apropriada.

Apesar disso, entre os brasileiros que investem suas reservas, 69,9% **não têm como hábito buscar orientações que ajudem a tomar decisões sobre como investir**. Apenas 30,0% **têm o hábito de sempre buscar orientação sobre como e onde guardar o dinheiro**

(aumentando para 42,9% entre os mais velhos).

Tendo em vista aqueles que **não buscam orientação para decisões de como e onde investir**, 69,6% escolhem as **modalidades mais conhecidas de reserva financeira**, enquanto 18,7% **decidem sozinhos, com base na sua experiência e conhecimento** e 9,6% **delegam para terceiros** (aumentando para 22,2% na Classe A/B).

Por medo ou receio de agirem contra o que faz a maioria, muitos investidores escolhem a caderneta de poupança. Além disso, também pode atuar sobre estas pessoas o chamado “viés do status quo” que pode provocar inércia e passividade, de maneira que muitos se prendem a escolhas tradicionais e pouco eficazes, ao invés de se informarem e buscarem melhores soluções de investimento.



Em contrapartida, dentre os que **procuram orientação para decisões de como e onde investir**, 53,4% costumam informar-se junto ao **gerente de banco** (aumentando para 74,1% entre os mais velhos e 70,7% na Classe A/B), 44,6% **buscam na internet** (aumentando para 63,1% entre os mais jovens) e 38% buscam ajuda de **amigos e familiares** (aumentando para 50,6% entre

os mais jovens e 45,5% na Classe C/D/E). Entre os que buscam **informações em canais online**, os mais procurados são os **sites especializados em educação financeira** (50,7%), os **sites de bancos** (50,4%), os **Youtubers e influenciadores digitais** (44,2%) e os sites de consultorias de investimentos (29,0%).



De todo modo, independente do meio utilizado para informar-se, quais seriam as características mais levadas em conta pelos investidores brasileiros na hora de escolher a modalidade certa? A esse respeito, a pesquisa indica que os fatores principais são a **facilidade de resgatar os valores** (54,6%), o fato de ser um **investimento seguro, de baixo risco** (52,5%), ser **fácil de entender como funciona** (51,2%) e **fácil de aplicar, sem muita burocracia** (50,5%).

Levando em conta o **período em que começaram a investir**, observa-se que este ainda é um hábito recente para a maior parte: 14,6% investem **há menos de 6 meses** (aumentando para 18,8% na Classe C/D/E), 16,7% **de 6 meses a 1 ano** (aumentando para 20,7% na Classe C/D/E) e 13,7% **de 1 a 2 anos** (aumentando para 17,9% entre os homens), enquanto 26,6% **investem há mais de 5 anos** (chegando a 50,3% entre os mais velhos e 43,9% na Classe A/B).

POUCO MAIS DA METADE INVESTE TODOS OS MESES



Investir é como construir um edifício tijolo por tijolo, desde a fundação, o que exige foco, disciplina e resiliência para esperar o montante crescer. Pode parecer difícil, no começo, mas há mecanismos capazes de auxiliar nesse processo, como os aportes realizados de forma programada e automática, por exemplo. Assim, ao invés de assumir o compromisso de separar e destinar valores a cada mês, o investidor sabe que não haverá falhas ou esquecimentos. Mesmo que sejam quantias pequenas, o efeito virá do acúmulo e da concentração de recursos, à medida que o tempo passa.

A pesquisa indica que pouco mais da metade daqueles que investem faz isso **todos os meses** (53,7%, aumentando para 62,1% na Classe A/B), enquanto 22,8% investem **a cada 2 ou 3 meses** (aumentando para 27,9% na Classe C/D/E) e 16,2% **não têm frequência definida** (aumentando para 20,6% entre as mulheres). Em **média**, os investidores fazem **9,2 aportes de investimento por ano**.

Considerando as diversas modalidades investigadas na pesquisa, as **razões que levam às escolhas** dos investidores brasileiros envolvem aspectos como liquidez, a segurança de ser auxiliado por um profissional e a possibilidade de obter retorno significativo, dentre outros. Assim, por exemplo, as justificativas para optar pela **caderneta de poupança** passam pela **facilidade de sacar/ resgatar o dinheiro quando necessário** (55,6%) e o fato de **ser uma opção mais familiar / conhecida** (31,8%).

No caso da **Previdência Privada**, por sua vez, pesam a **indicação do gerente do banco ou outros profissionais de investimento** (49,7%) e a **facilidade de sacar / resgatar o dinheiro quando necessário** (19,2%), enquanto a escolha dos **Fundos de Investimento** passa pela **indicação do gerente do banco ou outros profissionais de investimento** (51,6%) e pela **possibilidade de poder ganhar mais / ter alto retorno financeiro, mesmo correndo um pouco mais de riscos** (31,3%).

Para aqueles que decidem investir no **Tesouro Direto**, as justificativas envolvem a **facilidade de sacar/resgatar o dinheiro quando necessário** (40,0%) e a **pesquisa feita em sites especializados ou sites de notícias na internet** (35,5%), ao passo em que os investidores do **CDB** escolhem esta modalidade em virtude da **indicação de profissionais** (51,4%) e devido à **facilidade de sacar o dinheiro quando necessário** (28,7%). Finalmente, quem opta pelas **Ações da Bolsa de Valores** garante que a escolha se deve, principalmente, à **possibilidade de ganhar mais / ter alto retorno financeiro, mesmo correndo riscos** (55,2%) e à **indicação de profissionais** (28,9%).

“A escolha da melhor modalidade resulta de uma análise cuidadosa que precisa ser feita pelo investidor. Se o objetivo é guardar dinheiro para emergências, ou

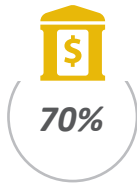
seja, se a pessoa precisar acessar a quantia rapidamente e sem burocracia, as opções certas serão aquelas que oferecerem mais liquidez, com facilidade para sacar a qualquer momento. Mas se a meta é guardar e acumular recursos pensando no futuro, então o ideal é buscar a maior rentabilidade possível. Outro aspecto a considerar é a margem de risco a que o investidor está disposto a se submeter. O mercado de ações na Bolsa, por exemplo, pode ser muito atraente, mas se a pessoa for do tipo mais conservador, não lidará bem com as oscilações que são frequentes nessa opção de investimento. Em qualquer desses casos, é importante manter-se atualizados sobre as taxas de administração cobradas e a rentabilidade. Se houver alguma alteração nesse sentido, o investimento pode passar a ser desfavorável, então é preciso ficar atento”. - destaca Marcela Kawauti.



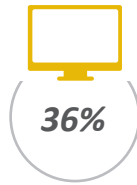
Sete em cada dez consumidores que possuem reserva financeira aplicada em alguma modalidade investem **diretamente na agência bancária** (69,6%), enquanto 36,1% utilizam o **computador / desktop** (aumentando para 43,0% entre os homens) e 28% se valem de **aplicativos de celular** (aumentando para

38,3% entre os mais jovens). No momento de realizar o investimento, 59,9% o fazem **sozinhos, via internet banking ou agência bancária** (aumentando para 67,8% na Classe A/B), ao passo em que 25,0% investem **com ajuda do gerente do banco** e 15,1% **fazem aplicações programadas automáticas**.

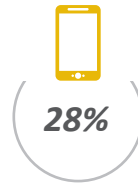
MEIOS QUE UTILIZA PARA INVESTIR



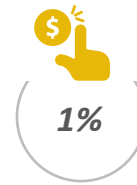
Agência bancária, seja no caixa ou no atendimento automático (caixa eletrônico)



Computador/ desktop



Aplicativo celular

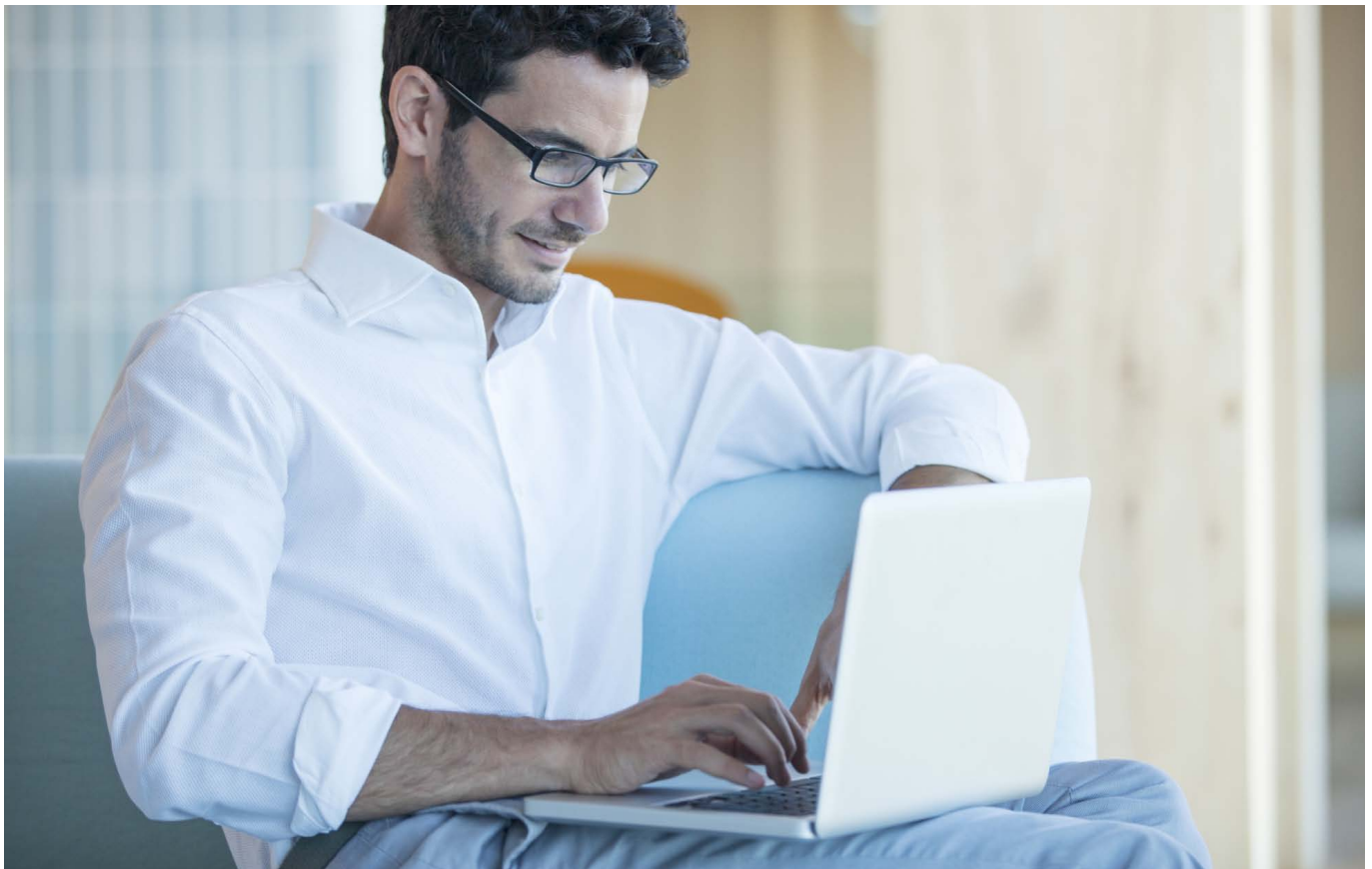


Outros

Pode ser desafiador para alguém que é leigo no assunto encontrar a melhor opção e dar início a uma carteira de investimentos, mas, como em tantas outras áreas, a tecnologia pode favorecer. Existem empresas especializadas que operam com softwares de inteligência artificial capazes de montar portfólios de acordo com o perfil e necessidades do investidor.

No entanto, esse ainda é um mercado desconhecido para a grande maioria dos investidores: somente uma minoria **conhece empresas especializadas na gestão**

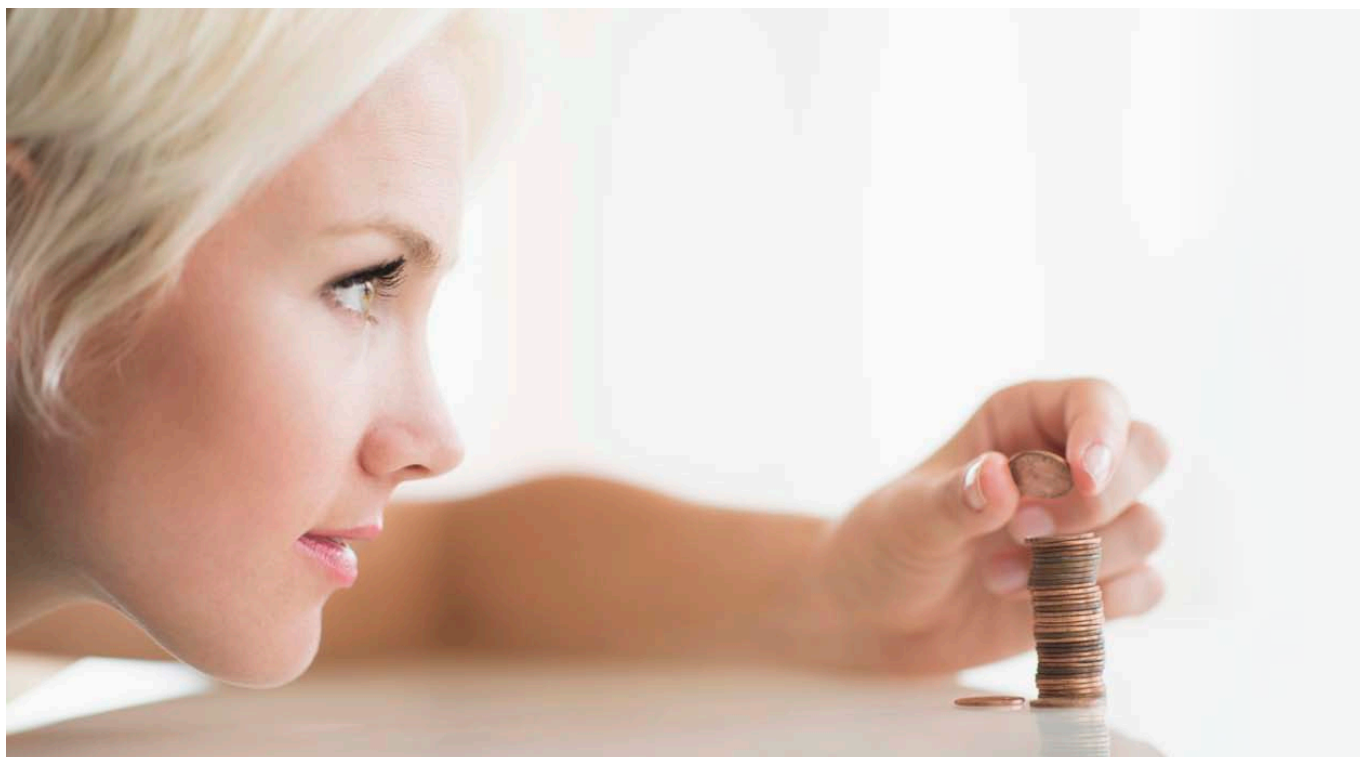
de investimentos que monitoram o desempenho da carteira com recursos tecnológicos automatizados: 13,2%, aumentando para 18,4% na Classe A/B. Quando questionados se **poderiam contratar uma empresa desse tipo**, praticamente seis em cada dez disseram que **não** (57,7%), sobretudo por que **não se sentem seguros a respeito**. Por outro lado, 42,3% disseram que **sim**, principalmente por que **poderiam ganhar mais dinheiro** (18,6%, aumentando para 23,6% entre os homens) e por que **não precisariam mais se preocupar com a gestão do investimento** (14,4%).



A person with dark hair, wearing a dark pinstriped suit jacket, is shown from the back, scratching their head with their right hand. The background is a whiteboard with several large, black question marks. A semi-transparent blue rectangular box is overlaid on the center of the image, containing white text.

***GRAU DE
CONHECIMENTO,
HÁBITOS E PRÁTICAS
DE INVESTIMENTOS***

POUPANÇA, PREVIDÊNCIA PRIVADA E TÍTULOS DE CAPITALIZAÇÃO SÃO AS MODALIDADES MAIS CONSIDERADAS COMO TIPO DE INVESTIMENTO



Até que ponto os investidores brasileiros sabem, de fato, quais são as opções de investimento disponíveis no mercado? Além disso, em quais delas essas pessoas não estariam dispostas a aplicar recursos financeiros? Considerando o **grau de conhecimento** acerca de cada uma das modalidades de investimento investigadas na pesquisa, **numa escala de um a cinco**, as **mais conhecidas** são a **Caderneta de Poupança** (média de 4,29, sendo que 79,7% conhecem muito), a **Previdência Privada** (média de 3,01, sendo que 40,1% conhecem muito) e os **Títulos de Capitalização** (média de 2,95, sendo que 37,1% conhecem muito).

As modalidades de investimento **menos conhecidas**, por sua vez, são a **LCI / LCA** (média de 2,19, sendo que 64,1% conhecem pouco ou nada), **Derivativos** (média de 1,90, sendo que 72,4% conhecem pouco ou nada), e **Debêntures** (média de 1,75, sendo que 77,1% conhecem pouco ou nada).

Percebe-se que os investidores da Classe A/B são os que mais conhecem opções de investimento como a **Cadernetas de Poupança** (85,8%), a **Previdência Privada** (53,5%), os **Títulos de Capitalização** (44,5%) e os **Fundos de Investimento** (36,1%), dentre outros. Vale mencionar ainda que a **Caderneta de Poupança** é menos conhecida entre os mais jovens (70,6%, contra 91,0% entre os mais velhos), enquanto o **Tesouro Direto** é mais conhecido entre os homens (31,1%, contra 19,5% entre as mulheres).

Quatro em cada dez investidores **analisam seus investimentos todos os meses** (44,7%), como seria o recomendável, ao passo em que 22,0% o fazem **a cada 2 ou 3 meses**, 15,1% **não têm frequência certa** e 5,6% **não analisam seus investimentos**. Em média, são feitas **8,5 análises por ano**.

Independente do nível de conhecimento dos brasileiros e se de fato algumas modalidades sejam consideradas um meio de investir dinheiro para obtenção de ganhos reais, a pesquisa mostrou que muitas escolhas por vezes podem ser equivocadas: por exemplo, tratar como investimentos aquilo que não traz nenhuma rentabilidade, como o carro para uso próprio, imóveis para moradia, e também produtos como títulos de capitalização.

Considerando o universo dos brasileiros com reserva financeira, independentemente de investir ou não, as

principais modalidades **percebidas** como investimento são a **Caderneta de Poupança** (88,3%), o **aluguel de casa/apartamento** (79,0%) e os **Fundos de Investimento** (77,5%). Até mesmo bens de consumo, como é o caso do **carro particular para uso próprio**, foi considerado uma modalidade de investimento por 41,3%; já o **carro para transporte particular de terceiros** foi considerado investimento por 40,7%. Além dessas, as **Debêntures** (46,8%), a **LCI/LCA** (42,5%) e os **Derivativos** (37,3%) são as opções que mais deixam os respondentes **em dúvida** se seriam, ou não, formas de investir seu dinheiro.

OPÇÕES QUE CONSIDERA UM TIPO DE INVESTIMENTO

RESPOSTAS – RU POR ITEM	SIM	NÃO	NÃO SEI
Conta poupança	88%	9%	3%
Apartamento ou casa para alugar a terceiros	79%	15%	6%
Fundos de investimento	77%	11%	12%
Apartamento ou casa para moradia	74%	20%	6%
Ações em bolsa de valores	70%	18%	12%
Dólar	68%	19%	13%
Previdência Privada	66%	20%	15%
Fundos imobiliários	66%	19%	15%
Tesouro direto	63%	17%	20%
Título de capitalização	58%	27%	15%
CDB	54%	16%	30%
Criptomoedas (bitcoin, litecoin, etherium etc.)	43%	31%	26%
Carro particular para uso próprio	41%	49%	9%
Carro para transporte particular de outras pessoas	41%	46%	13%
Derivativos (contratos futuros e opções)	35%	28%	37%
LCI/LCA	34%	23%	42%
Debêntures	26%	27%	47%

Quanto às modalidades que geram mais rejeição nos investidores brasileiros, ou seja, aquelas em que eles “**não colocariam dinheiro de jeito nenhum**”, as mais mencionadas são as **Criptomoedas - bitcoin, litecoin, etherium etc.** (32,8%), as **Debêntures** (27,7%), o **Carro para transporte particular de outras pessoas** (24,5%,

aumentando para 30,6% na Classe A/B) e os **Derivativos** (24,0%, aumentando para 36,3% entre os mais velhos). No entanto, um em cada cinco respondentes garante não ter qualquer restrição: **poderia utilizar qualquer uma das modalidades apresentadas** (20,3%).



***HÁBITOS E
ATITUDES DOS
INVESTIDORES***

60% INVESTEM SEMPRE NO MESMO TIPO DE APLICAÇÃO



Na última parte da pesquisa, a fim de conhecer o comportamento dos investidores e verificar se estão em linha com as melhores práticas recomendadas por especialistas, os entrevistados foram submetidos a uma série de questões sobre seus hábitos em relação a formação de uma reserva financeira.

Assim, por exemplo, considerando as ações **recomendáveis**, 71,4% concordam, em algum grau, que **quando necessário retiram dinheiro da reserva financeira para resolver imprevistos**, enquanto 70,8% **mantêm-se atualizados quanto aos rendimentos do dinheiro que tem investido**.

Em menor medida, mas ainda com percentuais expressivos, 60,4% garantem que **costumam refletir sobre os erros e acertos nas escolhas de investimentos, a fim de tomar decisões futuras mais acertadas**, ao passo em que 60,0% **ficam atentos aos custos de transação dos investimentos, calculando seu impacto no retorno, a fim de obter melhor rentabilidade**.

Por outro lado, dentre os bons hábitos que são **menos praticados**, pouco mais da metade afirma que é muito difícil algo **desviá-lo (a) do propósito de guardar dinheiro** (52,6%), enquanto percentuais semelhantes garantem: **sempre que veem algo que desejam**

muito, se sentem bem em saber que pode comprar porque têm dinheiro na reserva financeira (49,9%) e **acompanha notícias sobre o mercado financeiro e informações disponibilizadas por instituições financeiras e agências reguladoras, para entender se os altos rendimentos dos seus investimentos se manterão ou se as quedas serão revertidas** (49,6%).

Quanto às atitudes com percentuais menores e que precisam ser reavaliadas, destacam-se a **não diversificação das aplicações financeiras** (39,3%) e **não programar o investimento de forma automática para garantir a formação de reserva financeira** (29,9%). Além disso, 42,0% concordam, em alguma medida, que é mais importante investir na família ou estudos agora do que guardar dinheiro para o futuro.

Já entre os hábitos **inadequados**, por sua vez, destacam-se os de **investir sempre no mesmo tipo de aplicação** (60,0%), **deixar de guardar dinheiro na reserva financeira para comprar algo que queira muito** (48,0%), **ter dificuldade com a disciplina de guardar dinheiro** (29,7%), ter algum dinheiro sobrando no fim do mês e acabar gastando ao invés de guardar (23,9%), e o fazer investimentos que as outras pessoas fazem sem verificar se é o mais indicado para minha situação (23,6%).

OS SEGREDOS DE UM INVESTIDOR DE SUCESSO



Ninguém tende a visualizar a si mesmo numa situação futura desfavorável. Somos propensos a pensar que tudo vai dar certo, que teremos o suficiente para o sustento e para uma vida digna e confortável e que as coisas vão se resolver favoravelmente, de alguma forma. Entretanto, esse “viés de otimismo” pode ser extremamente perigoso do ponto de vista financeiro, como explica o Superintendente de Proteção e Orientação aos Investidores da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), José Alexandre Vasco: “A pessoa com excesso de otimismo sobre o futuro, com muita confiança em sua capacidade de decisão e ação, costuma subestimar a possibilidade de eventos negativos e superestimar sua própria capacidade de lidar com o futuro. Conseqüentemente, pode não se preparar adequadamente, priorizando, por exemplo, objetivos de curto prazo em detrimento da necessária formação de poupança de longo prazo, o que pode ocasionar uma situação de vulnerabilidade para si e para aqueles que dela dependem”.

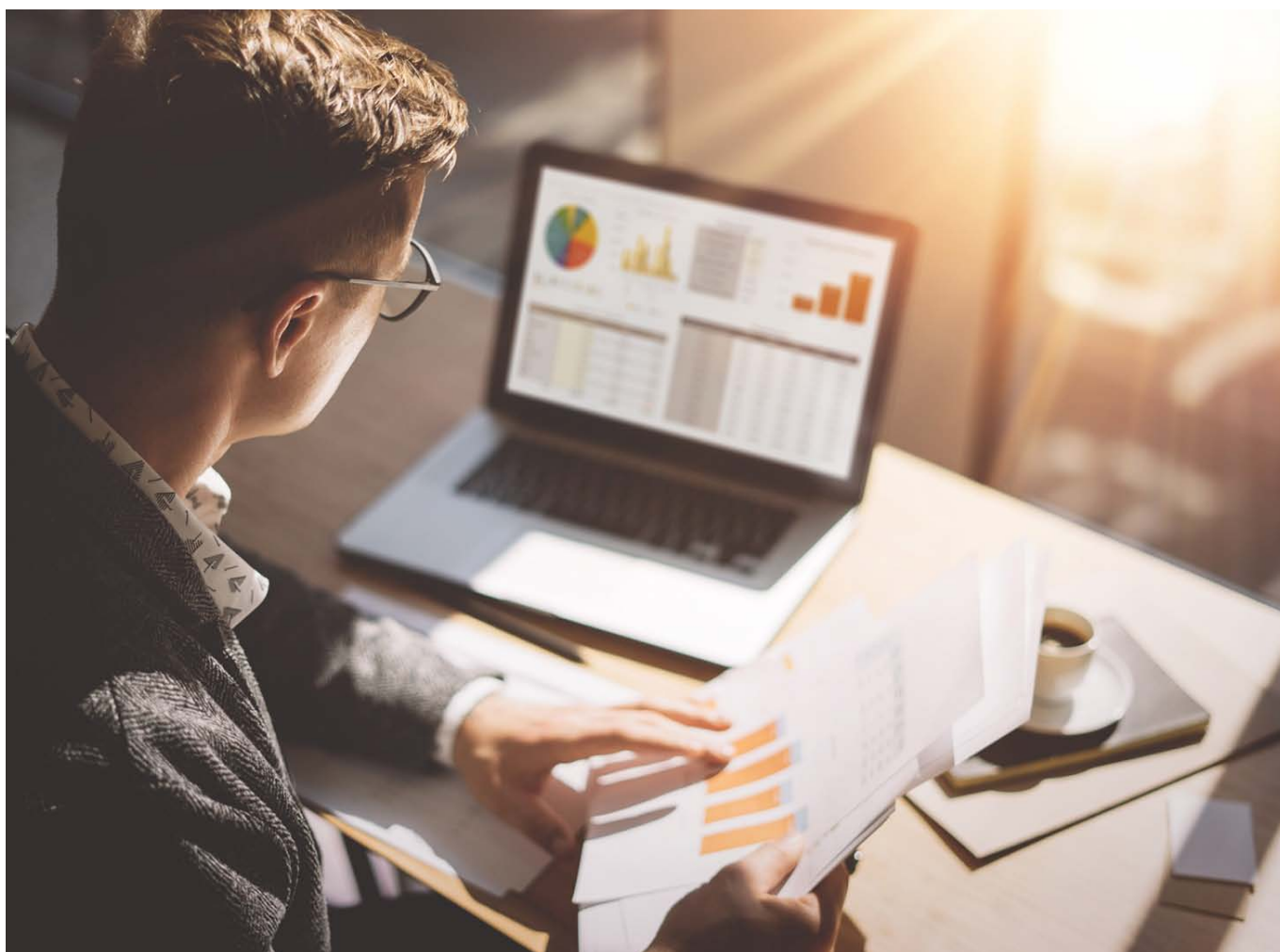
Contudo, é possível viver em acordo com o próprio orçamento, guardando uma parte dos ganhos para constituir a reserva financeira e investir. A primeira coisa a fazer é definir planos e objetivos para o dinheiro, pois esta é a principal motivação para poupar. O ideal é juntar uma quantia para lidar com imprevistos, para a aposentadoria e, também para a realização de sonhos.

O passo seguinte é contabilizar receitas e despesas: quanto a pessoa ganha e quanto gasta por mês? Quais são as prioridades de consumo? Quanto é possível guardar todo mês para alcançar a meta estipulada? Uma boa estratégia é guardar parte do dinheiro assim que o salário ou os ganhos forem recebidos, de preferência, aplicando em investimentos que não permitam o resgate imediato e programando depósitos automáticos. Assim o investidor assegura a realização da meta e diminui o risco de compras feitas por impulso.

É preciso entender até que ponto vai a disposição do futuro investidor para correr riscos, sendo que há três perfis básicos: o arrojado, que aceita níveis maiores de risco para obter ganhos proporcionais; o moderado, que tolera algum nível de incerteza, mas também prioriza a segurança; e o conservador, que detesta correr riscos e sabe que seus investimentos tenderão a render menos, porém, com maior margem de segurança.

Para os que querem sair do convencional e tentar

um rendimento maior sem correr grandes riscos, o mandamento básico seguinte é diversificar as opções de investimento, como explica José Alexandre Vasco: “É importante estar sempre bem informado, atualizar-se sobre as taxas e tarifas de cada opção, para poder agir e mudar o rumo do investimento se for necessário e, ao mesmo tempo, reavaliar periodicamente as premissas que orientaram as escolhas econômicas e financeiras, para garantir que elas continuam válidas”.



O investidor também deve saber que tanto a reserva financeira quanto o investimento demandam tempo e regularidade. É preciso aprender a esperar e entender que se trata de algo construído ao longo de anos. Ninguém se torna um bom investidor e colhe frutos da noite para o dia.

O hábito de guardar dinheiro, ainda que seja pouco por mês, é importante porque afasta o mau hábito de

terminar no vermelho. Mesmo para os consumidores que costumam chegar ao final do mês no zero a zero, cabe uma reavaliação do orçamento através da confrontação, na ponta do lápis, dos ganhos e dos gastos. Mas só contabilização não basta: é preciso rever hábitos como o uso do cartão de crédito e do cheque especial para complementar a renda, e exercer o autocontrole, evitando as compras por impulso.

METODOLOGIA

PÚBLICO-ALVO	MÉTODO DE COLETA	TAMANHO AMOSTRAL DA PESQUISA	DATA DE COLETA DOS DADOS
 <p>Poupadores, ou seja, pessoas que possuem algum tipo de reserva financeira. Homens e mulheres, com idade igual ou maior a 18 anos, de todas as classes econômicas (excluindo analfabetos). A pesquisa abrangeu 12 capitais das cinco regiões brasileiras, a saber: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Recife, Salvador, Fortaleza, Brasília, Goiânia, Manaus e Belém. Juntas, essas cidades somam aproximadamente 80% da população residente nas capitais.</p>	 <p>Pesquisa realizada via web e pós-ponderada por sexo, idade, estado, renda e escolaridade.</p>	 <p>680 entrevistados, resultando em margem de erro no geral de 3,8 p.p para um intervalo de confiança a 95%.</p>	 <p>19 de julho a 01 de agosto de 2018.</p>



